Bloomberg

complexo, arriscado e dispendioso processo de disponibilização de novos medicamentos aos doentes, aos sistemas de saúde e à sociedade", acrescenta. "No caso específico da área da saúde, a propriedade intelectual tem garantindo o desenvolvimento de novos tratamentos", conclui.

Segundo um estudo da consultora EY Parthenon, a indústria farmacêutica foi, em 2018, entre as indústrias transformadoras em Portugal, aquela que mais investiu em investigação e desenvolvimento, triplicando a da indústria de artigos de borracha e matérias plásticas, que surge logo a seguir. A liderança deste movimento é protagonizada pela Bial e pela Hovione, empresas do sector com projeção internacional.

Defesa dos direitos

Como é feita a defesa dos direitos de propriedade intelectual? Através de acordos de confidencialidade, protocolos de colaboração, mas sobretudo com formação das pessoas na área de propriedade intelectual e do segredo comercial.

Ao JE, o managing partner da CMS Rui Pena & Arnaut explica que quem participa em projetos de investigação na área tecnológica tema necessidade de "acautelar os seus direitos e estabelecer obrigações contratuais desde a fase inicial dos projetos de investigação". Por isso, "é frequente os intervenientes celebrarem acordos de confidencialidade, bem como estabeleçam protocolos de colaboração, nos quais ficam, expressamente, estabelecidos os direitos e obrigações das partes envolvidas".

"Ora, é, precisamente, neste tipo de protocolos de colaboração que deve ficar expressamente definido a quem pertence a titularidade dos direitos de propriedade intelectual sobre determinada invenção ou criação", prossegue. O caminho também é trilhado com a aposta das tecnológicas "na formação dos seus funcionários em áreas relacionadas com a proteção da propriedade intelectual e do segredo comercial, com o intuito de blindar as suas vantagens concorrenciais num mercado tão competitivo como o da tecnologia", conclui Arnaut.

JOSÉ LUÍS ARNAUT
Managing partner da CMS Rui Pena & Arnaut

JASON FAMA
Vice-presidente sénior da Talkdesk

PEDRO AMARAL
Vice-presidente do Instituto Superior Técnico

JOÃO ALMEIDA LOPES
Presidente da Apifarma

A academia também se protege

Não são só as empresas que têm necessidade de defender a propriedade intelectual do trabalho realizado. Também na academia, onde grande parte da investigação nasce, é necessário acautelar os direitos das inovações e das criações. Aliás, a seguir às empresas, é a academia que tem o maior peso da despesa total em atividades de investigação e desenvolvimento no PIB, com 0,57%, em 2019, um valor que se mantém constante acima de 0,5 da riqueza criada anualmente, desde 2008.

Exemplo deste investimento no conhecimento é o Instituto Superior Técnico (IST), que tem atualmente um portfólio de 278 invenções ativas nacionais, entre patentes em análise e concedidas, modelos de utilidade em análise e concedidos, segundo o professor Pedro Amaral, vice-presidente do IST com o pelouro das ligações empresariais e operações. "Ao portefólio nacional, acrescem as famílias de patentes que incluem 121 patentes internacionais em análise e concedidos", refere, revelando que o IST submete por ano, em média, "e de acordo com uma estratégia prévia que avalia o potencial de patenteabilidade e licenciamento", 15 pedidos de patentes nacionais e 10 pedidos de patentes internacionais, "designados como PCT".

Pedro Amaral explica que a estratégia do IST, em matéria de defesa do direito de propriedade intelectual, passa, essencialmente, "pelo desenvolvimento de modelos de licenciamento a empresas que têm a capacidade de implementar a propriedade industrial gerada na sua atividade, seja na sua utilização em novos processos ou na produção e venda de produtos associados aos ativos em causa".

É uma estratégia de valorização do trabalho desenvolvido no Técnico. "Atualmente, privilegia-se o licenciamento a spin offs [empresas criadas a partir de um grupo de pesquisa ou centro de investigação] de base tecnológica criadas no seio do IST, uma vez que habitualmente prolongam o ciclo de vida associado ao desenvolvimento da propriedade industrial que é gerada", explica.

O estado da inovação em Portugal: alguns dados e desafios

VÍTOR PALMELA FIDALGO
Diretor Jurídico
na Inventa International

O ambiente em torno da inovação em Portugal tem melhorado significativamente, em particular desde o início do século XXI. O Barómetro Inventa – Patentes Made in Portugal, publicado no ano passado pela Inventa International, revela que as empresas portuguesas têm vindo a pedir um maior número de patentes desde o ano 2000. Em simultâneo, é possível notar uma evolução da submissão de pedidos de patente com origem em Portugal em diversos institutos de patentes estrangeiros, com destaque para o mercado europeu, americano e chinês.

É, igualmente, um facto, que, a nível mundial, Portugal tem vindo a melhorar em matéria de inovação. Esta informação consta do Global Innovation Index de 2020 - publicado pela Universidade de Cornell (EUA), pelo INSEAD (França) e pela Organização Mundial de Propriedade Intelectual - onde Portugal ocupa, atualmente, o 31.º lugar a nível mundial, tendo subido uma posição face a 2019. Este ranking de inovação é baseado em vários fatores, onde a propriedade intelectual assume uma importância capital.

Se nos focarmos nos pares europeus, esta circunstância é, igualmente, notada, embora, no relatório deste ano não tenhamos tido boas notícias. Apesar de no relatório do EIS2020 Portugal ter almejado a 12º posição como país mais inovador na União Europeia (UE), classificando-se, assim, como um país "fortemente inovador", assistimos a uma queda em 2021 para a 19.º posição, retornando à sua posição de "moderadamente inovador". Foi a primeira vez, desde 2014, que tal sucedeu.

Se, em termos globais, a evolução não deixa de ser positiva, questiona-se, contudo, a razão pela qual este crescendo da inovação não coloca Portugal em outro patamar económico. Pelo contrário, os números da competitividade portuguesa têm sido cada vez piores e várias previsões anunciam que, dentro de menos de 20 anos, Portugal pode vir mesmo a tornar-se o país mais pobre da UE, sendo ultrapassado por nações como a Bulgária, Roménia, Hungria e Polónia.

Nietzsche dizia que "não há factos, apenas interpretações". Não chegamos a tanto, porém, não podemos retirar dos factos descritos quanto à inovação de que Portugal é um país virado para a tecnologia. Apesar de termos mais empresas a inovar, a razão pela qual a economia portuguesa não beneficia deste crescendo de inovação é, também, explicada pelos diversos relatórios citados, em especial pelos relatórios do EIS. Nestes destaca-se, pela negativa, a falta de emprego em empresas inovadores, a falta de investimento em I&D pelas empresas e o frágil impacto da comercialização dos ativos intelectuais. Em outras palavras, exportamos pouco capital intelectual, o que quer dizer que a maior parte do ambiente de inovação que se tem criado, tem, sobretudo, beneficiado empresas estrangeiras, que levam os royalties da transferência de tecnologia para os respetivos países.

Tenho escrito sobre a ideia de que a "salvação" de Portugal se encontra na inovação. Tendo em conta as características do mercado português, a única forma de conseguirmos ser competitivos, autónomos e proporcionar melhores salários será apostarmos na inovação (aqui num sentido geral, que abranja, igualmente, a cultura). Não é surpresa que países semelhantes à dimensão portuguesa – em população e/ou território – sejam os maiores inovadores da Europa. No relatório do EIS2021 a Suécia, Finlândia e Dinamarca surgem nos primeiros lugares. Esta circunstância não está relacionada com qualquer *vocação* para a inovação, mas sim com uma *estratégia de sobrevivência*. Todos estes países reconhecem que é a inovação que lhes permite estar no topo. A maior parte do que exportam consiste em ativos intelectuais muito relevantes. Ao contrário, a maior parte do que Portugal exporta tem pouco valor acrescentado e, por isso, é menos valorizado. É, assim, urgente uma estratégia de inovação para Portugal. Caso contrário, o turismo não nos salvará e Portugal irá, passo a passo, ocupar a cauda da Europa.

Com o apoio Inventa International